

A GUERRA DA UCRÂNIA E A TRANSIÇÃO HEGEMÔNICA NO SISTEMA INTERNACIONAL: PROVOCAÇÕES, ASPECTOS HISTÓRICOS E OS INTERESSES DO COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR NORTE-AMERICANO¹

222

Pedro Henrique Pedreira Campos²

Resumo: O presente texto constitui um ensaio que busca estabelecer certos apontamentos acerca da guerra da Ucrânia, levando em consideração a transição hegemônica vigente no sistema internacional, alguns aspectos históricos que parecem ser relevantes para compreender o conflito e a importância dos interesses econômicos e das ações do complexo industrial-militar norte-americano. O texto levanta algumas hipóteses e possibilidades para o desdobramento e sentido histórico do conflito, indicando o papel que ele pode vir a desempenhar em termos de aceleração da transição hegemônica no sistema internacional, com a decadência relativa dos Estados Unidos enquanto principal potência global e ascensão de outros países no plano global, sobretudo a China. Além disso, o texto traz alguns elementos de ordem histórica nos precedentes de conflitos envolvendo os agentes em guerra para tentar ajudar a compreender o fenômeno.

Palavras-chave: Guerra da Ucrânia; História; transição hegemônica; complexo industrial-militar; Rússia.

UKRAINE'S WAR AND THE HEGEMONIC TRANSITION IN THE INTERNATIONAL SYSTEM: PROVOCATIONS, HISTORICAL ASPECTS AND INTERESTS OF THE NORTH AMERICAN MILITARY-INDUSTRIAL COMPLEX

Abstract: This text constitutes an essay that seeks to establish certain notes about the war in Ukraine, taking into account the current hegemonic transition in the international system, some historical aspects that seem to be relevant to understanding the conflict and the importance of economic interests and the actions of the North-American complex military industrialist. The text raises some hypotheses and possibilities for the unfolding and historical meaning

¹ Agradeço a leitura rigorosa e as excelentes sugestões e críticas feitas por Renata Meirelles e Rafael Brandão que ajudaram a melhorar o texto

² Professor do Departamento de História da UFRRJ. Correio eletrônico: phpcampos@yahoo.com.br

of the conflict, indicating the role it may come to play in terms of accelerating the hegemonic transition in the international system, with the relative decline of the United States as the main global power and the rise of other countries globally, especially China. In addition, the text brings some historical elements in the past conflicts involving agents at war to try to help understand the phenomenon.

Keywords: Ukraine'war; History; hegemonic transition; military-industrial complex; Russia

LA GUERRA DE UCRANIA Y LA TRANSICIÓN HEGEMÓNICA EN EL SISTEMA INTERNACIONAL: PROVOCACIONES, ASPECTOS HISTÓRICOS E INTERESES DEL COMPLEJO MILITAR-INDUSTRIAL NORTEAMERICANO

Resumen: Este texto constituye un ensayo que busca establecer ciertos apuntes sobre la guerra de Ucrania, teniendo en cuenta la actual transición hegemónica en el sistema internacional, algunos aspectos históricos que parecen ser relevantes para entender el conflicto y la importancia de los intereses económicos y las acciones del complejo militar industrial estadounidense. El texto plantea algunas hipótesis y posibilidades sobre el desenvolvimiento y sentido histórico del conflicto, indicando el papel que puede llegar a jugar en términos de acelerar la transición hegemónica en el sistema internacional, con el relativo declive de Estados Unidos como principal potencia global. y el ascenso de otros países a nivel mundial, especialmente China. Además, el texto trae algunos elementos históricos en los precedentes de conflictos que involucran a agentes en guerra para tratar de ayudar a comprender el fenómeno.

Palabras clave: La guerra de Ucrania; Historia; transición hegemónica; complejo militar-industrial; Russia.

Os jornalistas da mídia corporativa têm um apreço por datas, marcos e títulos bombásticos. Quando houve os atentados de 11 de setembro de 2001, a Globonews se apressou em indicar que havia sido inaugurada com aquele episódio a “Era do Terror” (GLOBONEWS, 2021). Malgrado a nulidade dessa expressão em termos analíticos e compreensivos sobre o sentido histórico daquele momento, o ataque às torres gêmeas de Nova Iorque e ao Pentágono, em Washington, marcou uma época em que os Estados Unidos dispunham, em certa medida, de uma condição de única hiperpotência no sistema internacional, sem rivais naquele momento em termos econômicos e militares, tendo em vista o caráter ainda em certa medida inicial da expansão econômica chinesa e a completa desestruturação da Rússia e da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) uma década após o colapso da União Soviética. Não à toa, seguiram-se ações militares dos Estados Unidos no Afeganistão e no Iraque, sob o arrepio da contrariedade do Conselho de Segurança da ONU nesse último caso. Era o que Luís Fernandes chamava de “novíssima ordem internacional”, na qual prevaleceriam as ações unilaterais das forças armadas norte-americanas e a ideia do “choque de civilizações”, de Samuel Huntington, em substituição ao contexto do “fim da História”, de Francis Fukuyama, dominante na década anterior (Fernandes, 2004).

Se adotarmos o padrão Globonews, buscando marcos e momentos decisivos de inflexão no sistema internacional, o dia 24 de fevereiro de 2022 pode guardar um lugar especial na história do século XXI, tendo em vista o início nessa data da invasão russa ao território ucraniano, ou a ‘operação militar especial’ da Federação Russa na Ucrânia, conforme a preferência do freguês na disputa da guerra de narrativas vigente nesse conflito. Dizem alguns que o início do conflito pode ser lembrado no futuro como o princípio da III Guerra Mundial. Outros podem sinalizar a data como a ocorrência de um fenômeno no sistema internacional que expressa uma nova correlação de forças entre as potências no pós-Guerra Fria. Nesse sentido, José Luís Fiori (2023) chama a atenção justamente para a inversão de posições. A Rússia fez em 2022 algo semelhante ao que os EUA fizeram em 2003: uma ação militar unilateral sobre o território de outro país apesar da contrariedade dos organismos multilaterais e

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

da posição de diversas outras potências internacionais. A ocorrência do fenômeno pode ser representativa das mudanças pelas quais o mundo passou nesse intervalo de quase 20 anos, com a perda de poder relativo por parte dos EUA no sistema internacional, em proveito de novas ou em especial de uma nova potência ascendente no sistema internacional.

Este texto não constitui um artigo, mas sim um ensaio. Trata-se de uma abordagem não sistemática ou especializada sobre o conflito, mas sim o levantamento de certas hipóteses e a ponderação de certas questões acerca do conflito no Leste europeu. No início de 2023, organizamos na UFRRJ uma mesa redonda sobre a guerra da Ucrânia que contou com os colegas e especialistas Caio Bugiato, Muniz Ferreira e Pablo Ibañez, que têm se dedicado ao tema, realizando palestras e escrevendo textos sobre o tema. Fizemos a proposição e mediação dessa mesa apenas. Após o convite por parte da revista *Continentes* para escrever um artigo sobre o assunto, resolvemos rascunhar algumas ideias que entendemos que são importantes para compreender o conflito e seus possíveis desdobramentos. É importante sinalizar que não se trata do texto de um especialista no tema, mas sim de um historiador curioso e interessado sobre o assunto.

O presente texto está dividido em três partes. Na primeira apontamos a questão da transição hegemônica e interface que ela pode desempenhar em relação ao conflito. Na segunda parte, trazemos algumas reflexões sobre a guerra a partir do arcabouço histórico existente entre os atores envolvidos no conflito, enfatizando as provocações históricas recebidas pela Rússia. Por fim, sinalizamos o possível papel desempenhado pelo complexo industrial-militar norte-americano nas origens, eclosão e transcurso do conflito. Com isso, pretendemos auxiliar o leitor na compreensão do fenômeno e ajudar na leitura dos possíveis desdobramentos que a guerra pode ter. Para a redação do texto, foram usados dados compilados em fontes diversas, textos de interpretação e intervenção sobre o tema, bem como a bibliografia competente sobre o assunto.

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional.

A tradição dos sistemas-mundo, linha analítica das Relações Internacionais constituída por autores como Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein, Giovanni Arrighi e outros, desenvolveu a tese dos ciclos sistêmicos de acumulação, de acordo com a qual existiriam longos períodos históricos, seculares, sob a liderança de uma potência, com centralidade do poder mundial em uma cidade e moeda. A teoria é mais complexa do que isso e sujeita a muitas críticas e debates, mas, de acordo com esses autores o longo século XIX foi dominado pelo imperialismo britânico ao passo que a centúria passada teve a hegemonia norte-americana, do dólar e de Washington / Nova Iorque. Quando Arrighi escreveu “O Longo Século XX”, nos anos 90, ele acreditava que o período da dominação norte-americana estava chegando perto do fim, tendo em vista a financeirização da economia do país, o que seria representativo do “outono” do ciclo sistêmico de acumulação. No entanto, parece que a sua análise estava um pouco apressada em termos de compreensão da realidade então vigente. Aquele parece ser o período mais característico do que Maria da Conceição Tavares (1985; 1997) chamou de retomada ou reafirmação da hegemonia norte-americana, tendo em vista o uso do dólar para afirmar o poder internacional norte-americano. De qualquer forma, entre os sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação, Arrighi vislumbra, com a observação da realidade histórica vivida, um período de intenso conflito no sistema internacional:

“Todas as vezes que os processos de acumulação de capital em escala mundial, tal como instituídos numa dada época, atingiram seus limites, seguiram-se longos períodos de luta interestatal, durante os quais o Estado que controlava ou passou a controlar as fontes mais abundantes de excedentes de capital tendeu também a adquirir capacidade organizacional necessária para promover, organizar e regular uma nova fase de expansão capitalista, de escala e alcance maiores do que a anterior.” (Arrighi, 1996 [1994], p. 14.)

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

O interessante da abordagem feita por Arrighi, Wallerstein e Braudel é que eles não analisam a correlação de forças no sistema internacional apenas sob a ótica da medição de poder entre as potências, mas levam em consideração também aspectos econômicos, problematizando o processo de acumulação do capital como algo inseparável da análise das relações de força entre os países, em uma perspectiva cara à Economia Política Internacional³.

Tivemos no início do século XX uma situação histórica na qual o poderio econômico, político e militar britânico foi desafiado pela emergência de novas potências no sistema internacional, como a Alemanha e os Estados Unidos. O confronto da Alemanha em relação ao imperialismo franco-britânico levou às duas guerras mundiais, um conflito tipicamente interimperialista/intercapitalista, conforme a análise de Lênin (1982 [1916]). Naquele contexto de transição hegemônica, a Alemanha desempenhou um papel fundamental no nascimento do século norte-americano, tendo em vista que os dois conflitos mundiais levaram a um enfraquecimento do poderio global inglês e francês, abrindo espaço para o avanço econômico e político dos Estados Unidos no mundo. Representativo disso, de maneira mais concreta e formal é o desmantelamento promovido pela guerra submarina alemã da marinha britânica, instrumento fundamental de exercício do imperialismo inglês. Frédéric Mauro (1973, p. 312) ilustra isso para o caso da Primeira Guerra Mundial: “[...] os alemães fazem a guerra submarina sem restrição. É um sucesso. A tonelagem aliada representava, em abril de 1915, 25 milhões de toneladas. No outono de 1917, 11 milhões de foram perdidos. A França perde 1.100.000 em 2.500.000, e a Inglaterra 7.800.000 em 19.000.000.” Esses são dados apenas da I Guerra apenas, sendo que o uso de submarinos foi usado também no segundo conflito mundial. A marinha, tanto a mercante como a de guerra, era um mecanismo central para o alcance mundial do poderio britânico. A sua fragilização abriu margem para o preenchimento desse vazio

³ Como bem chama atenção Rafael Brandão, importante lembrar o livro derradeiro de Arrighi (2008), *Adam Smith em Pequim*, no qual ele avança em um delineamento de um novo ciclo sistêmico de acumulação centrado na China.

pela marinha norte-americana, que ganha dimensão global após o final da Segunda Grande Guerra.

Assim, mesmo que a Alemanha não tenha cumprido o papel de aliada dos Estados Unidos, mas sim de rival do país nos dois conflitos mundiais, os ataques feitos pelos alemães contra os britânicos tiveram um papel fundamental no enfraquecimento da hegemonia inglesa, abrindo caminho para a emergência dos Estados Unidos enquanto potência global. Nos referimos especificamente à questão da marinha, mas poderia ser citado o papel da moeda, da indústria, das exportações, da presença em regiões como a América Latina, dentre outros fatores que sentiram uma fragilização do poder britânico com os dois conflitos globais, com facilitação do caminho para a ascensão norte-americana. Nesse sentido, as duas guerras mundiais, conforme Arrighi aponta, são conflitos de perfil hegemônico, tendo em vista que permitiram uma aceleração da passagem do século inglês para o século estadunidense. Tal situação de um confronto entre potências do continente que levaram a uma fragilização mútua de França, Inglaterra e Alemanha levaram autores como Ernest Nolte a se referirem a uma pretensa guerra civil europeia (Nolte, 2016 [1987]).

Nossa hipótese neste ensaio é de que a guerra da Ucrânia pode desempenhar papel semelhante no que diz respeito à transição hegemônica que aparentemente está em curso no sistema internacional. O conflito na Europa do Leste pode atuar no sentido de acelerar a perda de posições por parte dos Estados Unidos e facilitar o caminho da ascensão chinesa enquanto principal potência mundial. Nesse sentido, a Rússia desempenharia papel na atual transição semelhante ao cumprido pela Alemanha nas duas guerras mundiais, ou melhor, como o país que fragilizou a potência hegemônica e abriu margem para a ascensão de uma nova potência e uma nova ordem internacional. Está claro que a presente hipótese é simplesmente uma possibilidade, a ser referendada ou não pelos fatos e a própria realidade histórica. De qualquer forma, as evidências apontam para um cenário em que a potência hegemônica que dispõe de uma posição relativamente decadente no sistema internacional, age de maneira violenta e agressiva de modo a não perder o papel de liderança que dispõe no cenário global (Bugiato, 2022). A ascensão econômica chinesa

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

nas duas últimas décadas é um processo extremamente impactante no sistema internacional, tendo em vista que o país já desponta como a principal potência industrial e comercial do globo e figura nesse momento enquanto maior economia mundial no sistema de paridade do poder de compra, podendo ultrapassar em dólares a economia norte-americana até o final da presente década, conforme se vê nos quadros abaixo:

Quadro 1 – Lista das dez maiores economias do mundo entre 1980 e 2022 em sistema de paridade de poder de compra:

Posição da economia:	1980:	2000:	2010:	2022:
1ª	EUA	EUA	EUA	China
2ª	URSS	Japão	China	EUA
3ª	Japão	China	Índia	Índia
4ª	Alemanha	Alemanha	Japão	Japão
5ª	França	Índia	Alemanha	Alemanha
6ª	Itália	França	Rússia	Rússia
7ª	Reino Unido	Itália	Brasil	Indonésia
8ª	Brasil	Reino Unido	França	Reino Unido
9ª	México	Brasil	Reino Unido	Brasil
10ª	China	Rússia	Itália	França

Fonte: Fundo Monetário Internacional. Disponível no endereço: <https://www.ecodebate.com.br/2022/05/23/as-14-maiores-economia-do-mundo-de-1980-a-2022/> acesso em 29 de julho de 2023.

Quadro 2 – Lista das dez maiores economias do mundo entre 1980 e 2030 em dólar corrente:

Posição:	1980	2000	2010	2022	2030
1ª	EUA	EUA	EUA	EUA	China
2ª	URSS	Japão	China	China	EUA
3ª	Japão	Alemanha	Japão	Japão	Japão
4ª	Alemanha	Reino Unido	Alemanha	Alemanha	Alemanha

5ª	França	França	França	Reino Unido	Índia
6ª	Reino Unido	China	Reino Unido	Índia	Brasil
7ª	Itália	Itália	Brasil	França	Reino Unido
8ª	China	Canadá	Itália	Canadá	França
9ª	Canadá	México	Índia	Itália	Canadá
10ª	México	Brasil	Rússia	Brasil	Itália

Fonte: FMI (2022). Fundo Monetário Internacional. Disponível no endereço: <https://www.ecodebate.com.br/2022/05/23/as-14-maiores-economia-do-mundo-de-1980-a-2022/> acesso em 29 de julho de 2023.

Os quadros acima mostram a listagem das dez maiores economias do mundo entre 1980 e a década atual. Em termos de paridade do poder de compra, a economia chinesa ultrapassou a norte-americana no ano de 2022. Em termos de PIB em dólar corrente, prevê-se que essa ultrapassagem ocorra em 2030 aproximadamente. A ascensão econômica chinesa gerou um reequilíbrio da economia internacional. A economia norte-americana que compunha algo como ¼ da economia mundial durante a década de 1990 passou a menos de 10% do PIB global em 2022, em termos de paridade do poder de compra (FMI, 2022). Enquanto isso, a expansão mundial chinesa é um fenômeno incontestado, sendo expresso de princípio na sua robusta presença comercial, conforme salienta Pablo Ibanez (2022): “Muitos países têm balança comercial mais favorável à China do que aos Estados Unidos, e ela hoje possui enorme presença comercial na América Latina, Europa e Oriente Médio”

Importante frisar que muito tem se falado de ascensão do mundo multipolar em oposição ao sistema unipolar característico do pós-Guerra Fria, mas nem todos/as os/as autores/as concordam com tal diagnóstico. Rosiane Martins dos Santos (2023)⁴ é uma analista de relações internacionais que vê o delineamento de um mundo bipolar em formação, opondo as principais potências globais – Estados Unidos e China. Segundo essa leitura, outras potências que se credenciam a exercer um papel significativo na nova ordem global, como Índia e União Europeia, não teriam ainda um impacto global como as duas prováveis grandes potências do século XXI. Tal análise se aproxima dos termos colocados por Moniz Bandeira em seus últimos livros, em que ele

⁴ Ver também a excelente dissertação de mestrado da autora sobre o tema: Santos (2016).

identifica elementos de uma Segunda Guerra Fria opondo os Estados Unidos e as potências asiáticas, sobretudo a China, em parceria com a sua principal aliada, a Rússia (Bandeira, 2013).

Malgrado a ascensão da economia chinesa e a reafirmação da Rússia nas duas primeiras décadas do século XXI, após a catástrofe no país durante os anos 90, a política norte-americana durante o governo Biden tem se dado no sentido de forçar uma aproximação entre ambas as potências. Ao contrário do praticado durante o período em que Kissinger cumpriu o papel de assessor da Presidência da República dos EUA para assuntos internacionais, durante a administração Nixon (1969-1974), a ação norte-americana atualmente tem se dado no sentido de fustigar os dois adversários estratégicos, que, combinados, conseguem em certa medida rivalizar com o poder econômico, militar e nuclear dos Estados Unidos. Assim, contrariando Sun Tzu, Maquiavel e todos os clássicos do pensamento político e militar, a política norte-americana atual tem se dado no sentido de unir o que é a segunda maior potência militar do mundo – a Rússia, que possui o armamento nuclear capaz de rivalizar com os EUA – e a segunda potência econômica global – a China, que se equipara e supera em alguns aspectos o poder produtivo e comercial norte-americano. Durante a década de 1970, Kissinger obteve a proeza de conseguir justamente o contrário: aproximou-se da República Popular da China, forneceu facilidades econômicas ao país no mercado norte-americano e intensificou a cisão e oposição entre a China comunista e a União Soviética, reforçando a quebra do bloco socialista (Medeiros, 1999). Nos dias atuais, as sucessivas provocações estadunidenses aproximam também desses dois aliados estratégicos outras médias potências, de perfil regional, como Irã e Coreia do Norte. Não à toa, Kissinger (2011) possui um livro de memória e análise da posição da China e é uma das vozes que defende o fim das provocações e o encaminhamento da paz, com a cessão de territórios russófilos da Ucrânia à Federação Russa (Valor, 2023).

Tal entendimento se aproxima da análise do jornalista Pepe Escobar (2023), que afirma que a guerra da Ucrânia parte de uma provocação norte-americana que tem como alvos a Rússia, a China e a Europa. Com o conflito, os Estados Unidos conseguem afastar a Rússia da Europa Ocidental, se credenciam como fornecedores de

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

armamentos e hidrocarbonetos aos países da região, além de fortalecer e expandir a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). A guerra gera a fragilização da Europa, que se beneficiava com a compra de gás natural barato da Rússia. A China também se enfraquece com a fragilização do seu aliado estratégico e se vê mais isolada no plano internacional, de acordo com a análise de Escobar. A análise de Pepe casa com a interpretação de Michael Hudson (2023): “Aos poucos, EUA dão-se conta de que não sufocaram a Rússia, não amedrontaram a China e arriscam-se a perder até mesmo o apoio da Europa.”

Por fim, como última ponderação desta parte do texto, gostaríamos de frisar que, no que diz respeito ao debate conceitual e terminológico em relação à guerra, parece complicado se referir à ação e à política russa atual como anti-hegemônica (Bugiati, 2023), se a compreensão do conceito de anti-hegemônico é como subversivo em relação à estrutura econômica e política do poder internacional. Está claro que a Rússia dispõe hoje de uma política de confronto e não-submissão em relação à ação norte-americana, mas seus gestos não vão no sentido de subverter a ordem capitalista internacional. Pelo contrário, a Rússia é hoje uma potência capitalista – apesar de não fazer sombra em termos de poder internacional ao que foi União Soviética em termos econômicos, industriais, demográficos e militares, tendo em vista a perda territorial sofrida em 1991, o processo de desindustrialização e reprimarização da economia – ou periferização, como afirma Carmo (2010) –, baseada hoje em boa medida na produção e exportação de hidrocarbonetos e armas – que se coloca em perspectiva global inclusive, em certa medida, como uma potência imperialista, tendo em vista a presença na África, na Síria, no seu entorno geográfico e outras regiões, geralmente atuando nas áreas de especialização da economia russa hoje, energia e defesa. Nesse sentido, o contexto atual, grosso modo, se assemelha mais à conjuntura pré-I Guerra Mundial, quando havia uma rivalidade intercapitalista opondo dois polos opostos, do que o período da Guerra Fria, no qual havia um bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos e outro socialista comandado pela União Soviética, com todas as ressalvas e questionamentos que se possa fazer em relação ao sistema socialista vigente na União Soviética. De qualquer forma, a proposta do Komintern apontava para outra estrutura

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

e dinâmica da arquitetura do poder internacional. A paisagem hoje se projeta muito mais como uma oposição intercapitalista/interimperialista do que qualquer outra situação, lembrando todo o expansionismo chinês e presença do grupo militar russo Wagner em países africanos e asiáticos (DW, 2023).

Sendo assim, conforme vimos na presente seção, a guerra na Ucrânia pode guardar um local privilegiado e de aceleração do processo de transição hegemônica que parece se apresentar no sistema internacional. Importante ressaltar que não compreendemos os Estados Unidos enquanto uma potência decadente em termos objetivos, mas sim quando comparada à velocidade da ascensão econômica chinesa e reafirmação russa, que limitaram a unipolaridade do poder norte-americano. Vejamos agora alguns elementos históricos do conflito na região.

Apontamentos históricos acerca da guerra da Ucrânia

É importante frisar que nesta parte do texto não pretendemos conferir um panorama histórico completo ao conflito na Ucrânia, mas sim trazer algumas indicações históricas que ajudam a entender certos elementos da guerra ora em curso. Um primeiro diz respeito ao papel da guerra na história russa. O segundo tem relação com a posição soviética durante a Guerra Fria. E o terceiro faz referência às provocações ocidentais contra a Federação Russa após o colapso da União Soviética. Vejamos os três em sequência.

Em primeiro lugar, é importante salientar o papel relevante que as guerras tiveram na história russa, não só na expansão e afirmação do seu imenso território, mas sim no acirramento das contradições sociais no país. Assim, a provocação à Rússia para a guerra parecia estar nos cálculos dos formuladores estratégicos norte-americanos que, de acordo com nosso entendimento, instigaram a Rússia ao conflito, malgrado a ação do dia 24 de fevereiro de 2022 ter cabido mais imediatamente ao próprio Estado russo. O fato é que a Rússia, no período pós-soviético, permaneceu como um país muito grande – o de maior território do mundo –, com muitos recursos, além da capacidade militar e nuclear. Sendo assim, de acordo com a burocracia do Estado

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

norte-americano, é necessário fragilizar, limitar e pulverizar a Rússia. O incentivo aos separatismos no território russo parece ser uma política norte-americana em relação ao país, o que se expressa nas guerras da Chechênia nos anos 90 (Silva, 2022).

Angelo Segrillo (2012) mostra como historicamente as guerras jogaram um papel fundamental na história russa, funcionando como momentos de inflexão na própria trajetória do país, ao tensionar contradições sociais e originar mudanças políticas profundas no país. Assim, a derrota na guerra da Crimeia em meados do século XIX levou a uma significativa crise interna e levou ao fim formal da servidão no Império russo com as reformas de 1861. A derrota na guerra russo-japonesa em 1904-1905 levou ao levante de 1905, com o “Domingo sangrento” e o que Lenin chamou de “ensaio geral da revolução”, que acabou redundando no fim do absolutismo czarista e o advento de um regime monárquico parlamentar. Além disso, as seguidas derrotas militares na I Guerra para o exército alemão acirraram as contradições na sociedade russa levando a duas revoluções no país em 1917, em fevereiro, com a queda do czarismo, e a de outubro/novembro, com a chegada ao poder dos bolcheviques (Reis Filho, 2007). Ainda há quem diga que a ocupação soviética no Afeganistão entre 1979 e 1989 gerou custos e problemas para a União Soviética que contribuíram para a crise do sistema. No entanto, a questão é controversa. Paulo Vizentini (1996) chama a atenção de que as tropas soviéticas entraram no Afeganistão a pedido do governo do país e controlavam as principais cidades afegãs, até que o governo Gorbachev mandasse retirá-las, acabando por abrir caminho para a tomada do poder por parte dos talibãs.

Nesse sentido, parece que essa experiência histórica pregressa deve ter entrado nos cálculos dos estrategistas norte-americanos, que desenvolveram seguidas provocações ao Estado russo no período pós-soviético. A proposição parecia ser a de fragilizar o Estado russo, em franco processo de reconstrução e reafirmação no século XXI, com crescimento econômico, reestruturação das forças armadas e implementação da política de apoio a aliados, como o governo Bashar Al-Assad, na Síria, em oposição aos interesses norte-americanos, e com aplicação da doutrina Karaganov, ou melhor, a implementação da ideia de retomar paulatinamente os territórios perdidos com a

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

dissolução da União Soviética. De acordo com alguns autores, essa doutrina preside a essência da política internacional russa. A anexação da Crimeia em 2014 teria sido uma etapa desse processo (Figueiredo, 2022)⁵. Importante também salientar o papel da língua russa na política externa russa, que afirma defender os povos russófonos fora do seu território, tendo em vista a distribuição de pessoas pelo antigo território soviético. A língua é usada como mecanismo de reivindicação de territórios e ações fora do espaço da Federação Russa por parte das forças armadas do país (Zhebit, 2010).

A segunda ponderação diz respeito ao que foi a Guerra Fria. Vizentini (1996) chama a atenção de que nada mais longe de uma bipolaridade no sistema internacional no ano de 1945. O que havia naquele momento era o ápice de um poder unipolar no sistema internacional. Os Estados Unidos possuíam metade da produção industrial do planeta naquele momento e sua economia não foi atacada durante o conflito. Pelo contrário, eles só enriqueceram e se fortaleceram com a guerra na Europa e no Extremo Oriente. Do outro lado, apesar de ter desempenhado um papel decisivo na derrota da principal potência militar do Eixo, a Alemanha, a União Soviética tinha perdido mais de 20 milhões de pessoas e viu sua economia ser destruída com a invasão alemã. Apesar do prestígio e poder na condução do mundo do pós-guerra, a situação da URSS era bastante difícil naquele momento. Nesse contexto, os EUA aplicam a política de contenção, tentando barrar a expansão da União Soviética e das ideias e movimentos socialistas e nacionalistas ao redor do mundo. Vendendo um risco de que a URSS caracterizava um risco à segurança nacional norte-americana, os estrategistas do país forjaram um medo global dos soviéticos e do socialismo, de modo a manter suas tropas e presença econômica sobre as regiões ocupadas após o conflito. Assim, além de justificar a presença militar e econômica norte-americana nos territórios ocupados, a Guerra Fria se caracterizou como uma sucessiva provocação à União Soviética, de modo a condicioná-la a uma postura defensiva e seguidamente correndo atrás do

⁵ A jornalista brasileira Vivian Oswald (2011) escreveu um livro de impressões sobre o período de estadia como correspondente internacional em Moscou e sinalizou para a enorme nostalgia dos russos em relação ao período soviético e ao sentimento de frustração e humilhação com a perda de um território equivalente a duas Argentinhas com o colapso da União Soviética.

prejuízo com os avanços militares e tecnológicos norte-americanos. Conforme salienta Hobsbawm (1998 [1994], p. 233-234):

“Assim, quem foi o responsável pela Guerra Fria? [...] Ela se originou na América. Todos os governos ocidentais, com ou sem grandes partidos comunistas, eram empenhadamente anticomunistas, e decididos a proteger-se de um possível ataque soviético. Nenhum deles teria hesitado, caso solicitados a escolher entre os EUA e a URSS, mesmo aqueles que, por história, política ou negociação, estavam comprometidos com a neutralidade. [...] Entre as nações democráticas, só nos EUA os presidentes eram eleitos (como John F. Kennedy em 1960) para combater o comunismo, que, em termos de política interna, era tão insignificante naquele país quanto o budismo na Irlanda. Se alguém introduziu o caráter de cruzada na Realpolitik de confronto internacional de potências, e o manteve lá, esse foi Washington. Na verdade, como demonstra a retórica de campanha de John F. Kennedy com a clareza da boa oratória, a questão não era a acadêmica ameaça de dominação mundial comunista, mas a manutenção de uma supremacia americana concreta.”

Dessa forma, a postura geral da União Soviética ao longo de toda a Guerra Fria é defensiva, sempre tentando dar conta das provocações norte-americanas e buscando se equiparar ao poderio militar da potência rival provocadora⁶. Assim, após o uso criminoso das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki por parte das forças armadas norte-americanas, buscando intimidar a União Soviética e ameaçá-la em meio às negociações do pós-guerra, os soviéticos correm atrás de produzir a sua própria bomba atômica, obtida finalmente em 1949. Em seguida, os Estados Unidos produziram a bomba de hidrogênio, bem mais poderosa que a bomba A, usada em 1945. Os soviéticos correram atrás e também obtiveram a sua bomba H. E daí foram várias outras provocações. Como bem salientado por Rudzit (2010), a própria corrida espacial não foi outra coisa senão uma corrida missílica disfarçada, com a União

⁶ Conforme lembra Rafael Brandão, essa é a hipótese de Isaac Deutscher (1969) no clássico *Mitos da Guerra Fria*, no qual o autor indica que o conflito é travado entre desiguais, estando a União Soviética sempre atrás dos EUA, tendo uma postura defensiva e reativa.

Soviética buscando desenvolver mísseis de eficiência e longo alcance, tendo em vista as provocações norte-americanas e o cercamento de seu território por países aliados dos Estados Unidos com bombas atômicas instaladas em suas bases. O mesmo autor saliente que desde o final da década de 1960 a União Soviética consegue atingir a paridade em termos de armamento nuclear com os Estados Unidos.

Por fim, é importante salientar que o desfecho formal da Guerra Fria, com o colapso da União Soviética, não coincidiu com o fim das provocações norte-americanas em relação ao território herdeiro da URSS. Pelo contrário, houve um acirramento da provocação com a manutenção e expansão da Otan para a Europa Oriental, malgrado o desmantelamento do Pacto de Varsóvia. Assim, é muito bem lembrado por Felipe Loureiro (2022)⁷ como vários analistas de peso dos Estados Unidos se opuseram a essa política de incorporação de novos países à aliança atlântica:

“Os EUA sabiam do perigo de expandir a Otan para a Europa do Leste. A crise e agora na Ucrânia está longe de ser algo inesperado. Quando da primeira grande expansão da Otan pós-Guerra Fria, em 1997, (Hungria, Polônia e República Tcheca), três textos históricos para a tragédia anunciada de hoje. O primeiro texto foi escrito em fevereiro de 1997 por nada mais nada menos que Geroge F. Kennan, o grande idealizador da estratégia de contenção da União Soviética em 1947, e que embasou o início da Guerra Fria, tendo a Alemanha como epicentro. Em um artigo de opinião no New York Times, meses antes da Conferência de Madri da Otan, Kennan afirmou que ‘expandir a Otan (para a Europa do Leste) será o mais fatal erro de política externa norte-americana no período pós-Guerra Fria. ‘Tal decisão pode inflamar tendências nacionalistas, anti-Ocidente e militaristas na opinião russa; ter um efeito adverso para o desenvolvimento da democracia russa; restaurar a atmosfera de Guerra Fria nas relações Leste-Oeste’ O segundo texto não foi um texto, mas uma carta aberta ao Senado dos EUA (que teria que ratificar qualquer expansão da Otan) organizada pela filha do ex-presidente Eisenhower (e primeiro comandante da Otan), Susan Eisenhower, e assinada por mais de 50 personalidades de muito peso.

⁷ Ver também o livro escrito por esse grande historiador: Loureiro (2022A).

Entre os signatários estavam Robert McNamara, ex-secretário de Defesa de Kennedy, e Paul Nitze, que redigiu o histórico NSC-68 de 1950 – projeto responsável por embasar a expansão militarista dos EUA na Guerra Fria e considerado a chave para a mundialização do conflito com a URSS.

[...]

Não foi por falta de aviso.”

Assim, alguns dos principais formuladores da política externa norte-americana desaconselharam a expansão da Otan, sob pena de fomentar grupos políticos ultranacionalistas na Rússia, que reagiriam de forma violenta às provocações desfechadas pelos Estados Unidos. Essa ação de ‘cutucar a onça com uma vara curta’ pode ser entendida como uma das principais causas imediatas e fundamentais da guerra da Ucrânia.

Convergindo com essa análise, o Eisenhower Media Network lançou recentemente um texto no qual defende a paz na Europa e chama a atenção para o risco de expansão desenfreada da Otan junto às fronteiras do território russo, o que é visto como uma grande ameaça naquele país. O manifesto ressalta que os Estados Unidos não cumpriram a sua promessa de congelar a Otan, mantendo suas bordas após o fim da União Soviética. Ressalta que o embaixador norte-americano em Moscou alertou, em 2008, a secretária de Estado Condolezza Rice que a entrada da Geórgia e da Ucrânia na Otan eram entendidos como um grave risco à segurança nacional na Rússia e que Putin havia alertado desde 2007 que a expansão da aliança para as bordas russas era algo intolerável. Buscando ver a questão da expansão da organização pela perspectiva russa, o documento apresenta dois mapas mostrando como seria se um país rival tivesse bases militares perto do território norte-americano como os EUA tem próximo à Rússia, inclusive com armas nucleares.



Figura 1 – Simulação de bases militares próximas ao território norte-americano em forma similar às bases da Otan próximas à Rússia

Fonte: Eisenhower, 2023.

Como se vê na projeção feita no mapa acima, caso o cercamento promovido pelos Estados Unidos à Rússia ocorresse de forma reversa, os EUA teriam bases militares de potências rivais nos territórios do Canadá, México e no Caribe. Uma única vez a União Soviética tentou instalar mísseis em Cuba em 1962 e a iniciativa gerou a maior crise bilateral de toda Guerra Fria, levando os soviéticos a retirarem. O mapa e o episódio parecem evidenciar bem o caráter agressiva da conduta militar norte-americana e o caráter defensivo da política externa russa.

As queixas russas não vão somente no sentido da crítica à expansão da Otan, mas também da instalação de armamentos e equipamentos em países próximos à Rússia e que antes estavam sob a esfera de influência da União Soviética. Assim, em seu famoso discurso em Munique em 2007, Putin alertou para o risco de instalação do sistema anti-mísseis na Polônia e na República Tcheca, alertando que o dispositivo causaria um desequilíbrio de forças entre a Rússia e a Otan, sendo entendido como

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

uma ameaça à segurança nacional russa (Okuneva, 2010). Os Estados Unidos alegavam que o sistema era para defender aqueles territórios de um possível ataque iraniano, mas figurava aos russos como mais uma provocação e gesto intimidador por parte da aliança atlântica.

Importante salientar que o altamente demonizado no Ocidente Vladimir Putin já teve momentos de cooperação e boa vontade com os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental enquanto presidente de República na Rússia. Dentro da tipologia elaborada por Segrillo (2010), Putin figuraria como um ocidentalista moderado, dentro do quadro de três linhas principais da política externa russa, que teria as variantes do eslavofilismo, eurasianismo, além do ocidentalismo. Representativo desse perfil pode-se mencionar o início da gestão Putin, quando ele condenou os ataques às torres gêmeas, se prontificou a cooperar com os EUA na guerra ao terror e permitiu o uso de aeronaves norte-americanas em bases do antigo espaço soviético na Ásia central durante os exercícios da invasão do Afeganistão. No entanto, as sucessivas provocações desferidas pelas potências ocidentais parecem ter levado os governos Putin e Medvedev para posições mais eurasianistas e de perfil menos ocidentalista, seguida a nomenclatura manuseada por Angelo Segrillo.

Vimos ao longo desta seção alguns elementos históricos acerca da guerra, que dizem respeito ao fato de as guerras historicamente terem sido momentos de acirramento das contradições da sociedade russa, redundando em regime change naquele país, o que parece ser um dos objetivos fundamentais dos Estados Unidos e seus aliados com o conflito. Além disso, vimos que durante a Guerra Fria e no pós-1991, a ação norte-americana tem se dado no sentido de provocar a Rússia e forçá-la a desenvolver uma elevada cifra de gastos militares, tendo em vista um propósito de estrangulamento econômico do país, com menor capacidade produtiva e de geração de bem-estar para a sua população do que os Estados Unidos e seu império global no pós-1945. Porém, essas provocações militares por parte dos Estados Unidos também respondem a certas demandas e interesses internos. Isso é o que veremos no próximo tópico do texto.

A guerra da Ucrânia e o complexo industrial-militar norte-americano

Quem primeiro pronunciou publicamente a expressão “complexo industrial-militar” em fala de grande impacto foi o presidente norte-americano Dwight Eisenhower, do deixar o cargo, em 1961. Na ocasião, ele afirmou que a combinação dos anseios de oficiais das forças armadas norte-americanas, com seus objetivos belicistas, junto com os interesses de empresários da indústria nacional de defesa do país representava o maior risco à democracia norte-americana, em uma fala bombástica, usada posteriormente como uma espécie de epígrafe do filme de Oliver Stone (1991) sobre John Kennedy. O conceito já foi trabalhado de diversas formas no campo das Relações Internacionais e nos estudos de Defesa e Segurança Internacional. De qualquer forma, o livro escrito por Paul Baran e Paulo Sweezy (1966) acerca do capital monopolista norte-americano traz alguns dados interessantes sobre a importância dos gastos militares para o equilíbrio da economia dos Estados Unidos após a depressão dos anos 30. Assim, conforme dados que eles coligem na obra acerca da taxa de desemprego no país:

Quadro 3 – Desemprego na economia norte-americana entre 1929 e 1944:

Ano:	Taxa de desemprego:
1929	3,2%
1930	8,7%
1931	15,9%
1932	23,6%
1933	24,9%
1934	21,7%
1935	20,1%
1936	16,9%
1937	14,3%
1938	19,0%

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

1939	17,2%
1940	14,6%
1941	9,9%
1942	4,7%
1943	1,9%
1944	1,2%

Fonte: BARAN; SWEEZY, 1966, p. 231.

Conforme podemos perceber na tabela acima, a crise de 1929 teve profundo efeito sobre a economia norte-americana, sendo expressa de maneira mais significativa na elevada taxa de desemprego manifesta. Assim, o índice chegou a ¼ da população economicamente ativa dos Estados Unidos no auge da crise, em 1933. Apesar de toda a ação do New Deal, os efeitos do plano fizeram reduzir o desemprego para um índice de 17,2% em 1939, às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Assim, houve uma redução importante, mas a taxa de desemprego continuou extremamente alta mesmo com toda ação do governo Roosevelt na economia. Foi só com a guerra que a economia norte-americana de fato reduziu de maneira mais cabal seus índices de desemprego, chegou ao menor índice da história no ano de 1944, quando apenas 1,2% da população economicamente ativa dos Estados Unidos estava desempregada. Assim, a guerra e todos os gastos militares tiveram um efeito extremamente virtuoso sobre a economia norte-americana, gerando o pleno emprego.

Depois disso, os gastos militares passaram a ser centrais para o estabelecimento do equilíbrio econômico para o país e, ao mesmo tempo, forjaram interesses centrais dentro do poder político norte-americano. Os chamados “falcões”, ou melhor, os representantes dos interesses da indústria militar norte-americana, passaram a jogar um papel fundamental no parlamento e gozaram de um papel decisivo sobre o poder executivo. Não à toa, os Estados Unidos se viram envolvidos em grandes conflitos militares ao longo da Guerra Fria, em particular a Guerra da Coreia e a Guerra do

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

Vietnã, além de outros confrontos militares de menor monta travados ao redor do globo. Para além dos conflitos, todo o medo propalado de um confronto com a União Soviética servia para justificar elevados gastos militares, que ao mesmo tempo desempenhavam um papel relevante para o equilíbrio da economia norte-americana, dependente de conflitos militares e elevados gastos com equipamentos para as forças armadas desde a II Grande Guerra, como para atender aos interesses do complexo industrial-militar. Era e é importante vender o medo de um inimigo grande, forte e poderoso, como a União Soviética no passado e a Rússia hoje, com todo o seu arsenal nuclear e convencional, o que permite justificar elevados gastos militares, o que não é possível quando os adversários são países menores e mais limitados em recursos como Cuba, Coreia do Norte, Iraque, Irã, dentre outros (Bandeira, 2017).

A guerra na Europa permitiu que os Estados Unidos fornecessem material bélico em quantidades cavalares à Ucrânia, desfazendo-se de equipamentos obsoletos e gerando novas encomendas para a indústria de defesa sediada no país. Além disso, vociferou um medo em relação a uma pretensa invasão russa, levando à escalada dos orçamentos militares dos países europeus, que adquirem armas produzidas nos Estados Unidos via acordos firmados no âmbito da Otan. As provocações em outras frentes, como a península coreana, o Cáucaso, o estreito de Taiwan e outros locais também permitiu vender a necessidade de armar aliados de modo a gerar encomendas ao complexo industrial-militar norte-americano atendendo às bases do Império no exterior e fornecendo equipamentos a países parceiros. Só de ajuda militar à Ucrânia desde o início do conflito foram US\$ 39 bilhões até o final de junho de 2023 (CNN, 2023). Como a perspectiva de que os recursos sejam devolvidos por um virtualmente falido Estado ucraniano é bastante remota, esses dispêndios podem ser entendidos como uma captura do fundo público norte-americano por parte dos grupos empresariais do complexo de defesa do país, em desproveito de gastos em serviços público para a população, na forma de investimentos em saúde, educação, assistência social, saneamento básico e transporte público de massa. Com todo o bombardeio ideológico produzido pelo Estado norte-americano e pela mídia do país, a resistência

social e revolta popular ante tal expropriação da população norte-americano em favor da máquina de guerra são bem limitadas.

Apesar de entendermos que a guerra diz respeito em última instância a uma ação da potência hegemônica no sentido de frear ou impedir uma transição hegemônica e sua redução de poder frente à ascensão chinesa no sistema internacional, atacando a aliada estratégica da potência ascendente que tem o poder de desafiar a força militar e nuclear norte-americana, o tiro pode estar saindo pela culatra. De acordo com Michael Hudson (2023), a guerra pode levar ao próprio acirramento das contradições do Império norte-americano. Expressão disso tem sido a aceleração do processo de desdolarização das transações comerciais e financeiras após o início do conflito. Esse processo já vinha ocorrendo, mas ganhou mais velocidade com a guerra, tendo em vista as sanções à economia russa e a busca por parte desse país de mais negócios fora da órbita do dólar. Além disso, o grande interesse pelo ingresso no bloco dos BRICS parece ser indicativo dos interesses e busca de oportunidades econômicas alternativas ao domínio norte-americano. Além da solicitação de ingresso por parte de países como Irã, Argentina, Cuba, Egito, Indonésia, mesmo aliados históricos dos Estados Unidos como a Arábia Saudita solicitaram entrar no grupo, em um total de 13 aspirantes ao bloco (O GLOBO, 2023).

Com isso, a hegemonia norte-americana parece ser cada vez mais desafiada, com a apresentação de alternativas à dominação estadunidense. A guerra e as provocações à Rússia serviram para acionar a indústria militar norte-americana e justificar o aumento de dispêndios com as forças armadas. É preciso levar em consideração que a economia dos Estados Unidos sofreu nos últimos 20 anos, como quase todo o resto do mundo, com a realocização de fábricas que foram para o território chinês e o Extremo Oriente. Com isso, a economia norte-americana perdeu capacidade industrial, apesar de continuar sendo a segunda maior potência fabril do planeta, e tem em setores como o complexo industrial-militar uma das principais cadeias produtivas vigentes ainda no país, com forte conteúdo nacional. A elevação dos gastos militares e a demanda de equipamentos ao complexo econômico da defesa parecem constituir também uma estratégia para intensificar demandas junto a esse fundamental segmento da

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

economia norte-americana. Ao contrário de outros dados estatísticos, em que o país foi eclipsado pela ascensão chinesa, no que tange à exportação de armas e equipamentos militares, os Estados Unidos continuam liderando as listagens internacionais. De acordo com o Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo, entre 2017 e 2021, os EUA foram responsáveis por 38,6% das exportações de armas do mundo, seguido pela Rússia com 18,6%, tendo a França em terceiro lugar com 10,7% e a China em quarto com 4,6% (Poder360, 2023).

Com isso, o complexo industrial-militar parece ter um peso econômico e político significativo dentro da sociedade norte-americana e, nesse processo de decadência relativa dos Estados Unidos enquanto força hegemônica internacional, tende a ser cada vez mais poderoso, tendo em vista as reações violentas e agressivas em relação à perda de posições na hierarquia internacional de poder. Dessa forma, as ações e os interesses do complexo industrial-militar norte-americano parecem constituir uma variável fundamental para entender as causas e a manutenção e aprofundamento do conflito no Leste europeu.

Conclusões

A guerra ainda está em curso. Ela pode redundar em uma paz próxima – mesmo que improvável –, pode se prolongar, pode se alastrar e se intensificar, tornando-se um conflito nuclear ou tendo outros desdobramentos perigosos. De qualquer forma, ela já causou significativo impacto global, gerando consequências nos preços internacionais de energia, grãos, fertilizantes, dentre outros produtos, além da intensificação da ação estatal na economia em todo o mundo (Nagle, 2023). Ao contrário de outros conflitos militares no pós-Guerra Fria, como a invasão do Iraque, do Afeganistão, da Líbia e outros, o atual enfrentamento opõe uma potência militar e nuclear – a Rússia – a um país francamente apoiado por outras potências militares e nucleares, como os Estados Unidos e a Otan, incluindo Reino Unido e França, além da Alemanha, desprovida de armas atômicas próprias. Nesse sentido, os riscos são muito maiores e as

possibilidades de desdobramento enquanto um conflito global ou nuclear são reais, ao contrário das guerras anteriores.

No nosso entendimento, apesar de ter havido em fevereiro de 2022 a invasão do território ucraniano por parte das forças armadas russas, essa não foi uma decisão voluntarista ou unilateral. Ela foi uma reação violenta, agressiva e belicista a uma série de provocações e cercamentos promovidos pelos Estados Unidos e a Otan junto à Federação Russa. No nosso entendimento, o ataque em si não parece ser característico de uma ação imperialista, tendo em vista que busca anexar regiões com população majoritariamente de língua e nacionalidade russa e que não corresponde a um expansionismo e exportação de capitais, mas sim retomada de uma pequena parcela de território perdido com o colapso da União Soviética, que possuía fronteiras internas entre as repúblicas que eram basicamente formais e não respeitavam rigorosamente os limites entre as nacionalidades e povos. Em outras frentes, no entanto, a ação russa parece caracterizar uma forma de imperialismo, apesar de não tão poderoso quanto o das forças hegemônicas no sistema internacional, como ocorre em países da África e Síria. Assim, compreendemos a ação militar especial da Rússia como uma reação militarista a uma série de agressões e provocações recebidas pelo país no período pós-Guerra Fria, como a expansão da Otan e a opressão de populações russófonas por grupos e governos de extrema direita na Ucrânia⁸.

Entendemos também que o conflito se relaciona com a possível transição hegemônica em curso no sistema internacional. As provocações perpetradas pelo Estado norte-americano parecem ser uma forma de tentativa de limitação e contenção do polo rival no sistema internacional, mas a guerra pode redundar justamente no oposto, na aceleração do processo de decadência relativa dos Estados Unidos e de ascensão enquanto potência global da China, força que está relativamente alheia ao conflito, apesar de formalmente aliada à Rússia nesse processo.

⁸ Sobre o Maidan, o golpe de Estado no país em 2014, a participação norte-americana nesse processo e a emergência da extrema direita como grupos organizados e no próprio Estado ucraniano, ver o filme produzido por Oliver Stone (2016), *Ucrânia em Chamas*. Acerca do fascismo ucraniano, sua ascensão com o Euromaidan e relação com o governo Zelensky, ver Ferreira (2022).

Além disso, nos parece claro que a guerra é um grande negócio e expressa os interesses e o poder político do complexo industrial-militar norte-americano, central na economia e na dinâmica do poder no país no período pós-Guerra Fria, parecendo gozar hoje de mais força no bloco de poder do partido democrata do que entre os republicanos. Irônico notar que as principais forças políticas que lideram a defesa do processo de fim da guerra e paz no conflito dentro da política norte-americana estão no campo da extrema direita, com as sinalizações de Donald Trump e de outras figuras caras ao fascismo de que é necessário e é fácil terminar com o conflito, cabendo aos Estados Unidos tal prerrogativa.

Por fim, é importante finalizar indicando que a guerra é um processo de interesse dos poderosos e dos opressores. Não interessa às forças populares e à esquerda a manutenção e continuidade do conflito. Tal como na I Guerra Mundial, a Internacional Socialista denunciou o caráter imperialista e burguês do conflito, parece que hoje também cabem às forças progressista de todo o mundo a denúncia da guerra e a defesa incontestada da paz imediata e do fim desse conflito intercapitalista que ceifa a vida de milhares de pessoas e serve a interesses econômicos e empresariais do capital monopolista global, que não representam ganhos à população, senão morte, medo, terror, tragédia, limitações e destruição.

Referências

- ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e origens do nosso tempo. Rio de Janeiro / São Paulo: Contraponto / EdUnesp, 1996 [1994].
- BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Segunda Guerra Fria**: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Desordem Mundial**: o espectro da total dominação; guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

- BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. **O Capitalismo Monopolista**: ensaio sobre a ordem econômica e social americana. Rio de Janeiro: Zahar, 1966
- BUGIATO, Caio. As prioridades da Otan. **A terra é redonda** .Publicado no dia 26 de julho de 2022. Disponível no endereço: <https://aterraeredonda.com.br/as-prioridades-da-otan/>
- BUGIATO, Caio. A política externa russa. **A terra é redonda**. Publicado no dia 10 de março de 2023. Disponível no endereço: <https://aterraeredonda.com.br/a-politica-externa-russa/>
- CARMO, Corival Alves do. Rússia e China: contrastes na inserção econômica internacional. In: PECEQUILO, Cristina Soreanu (org.). **A Rússia**: desafios presentes e futuros. Curitiba: Juruá, 2010, p. 87-110.
- DEUTSCHER, Isaac. **Mitos da Guerra Fria**. In: HOROWITZ, David (org.). Revolução e Repressão. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- DW (2023). DeutscheWelle. “Grupo Wagner na África: mais do que mercenários; o grupo russo Wagner, que tem laços com o Kremlin, é um dos atores mais influentes na África. Milhares de mercenários estão ativos em vários países. No Sudão, tudo indica que estará também envolvido nos atuais combates.” Matéria de David Ehl, publicada em 19 de abril de 2023. Disponível no endereço: <https://www.dw.com/pt-002/grupo-wagner-em-%C3%A1frica-mais-do-que-mercen%C3%A1rios/a-65367794> acesso em 30 de julho de 2023.
- EISENHOWER Media Network. **The U. S. should be a force for peace in the world**. Disponível no endereço <https://eisenhowermedianetwork.org/russia-ukraine-war-peace/> acesso em 30 de julho de 2023.
- ESCOBAR, Pepe. “Pepe Escobar: como está nascendo o mundo multipolar – Rio de Janeiro”. **TV 247**. Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=F54B0zH0Stk> acesso em 29 de julho de 2023.
- FERNANDES, Luís. As novas formas do Império. In: COSTA, Darc; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Mundo Latino e Mundialização**. Rio de Janeiro: Mauad / Faperj, 2004, p. 93-99.

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

FERREIRA, Carlos Serrano. O fascismo ucraniano: corrente histórica, fator de instabilidade contemporânea. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política. Uberlândia, v. 10, n. 1, 2020, p. 30-44.

FIGUEIREDO, Felipe. “Os conselheiros de Putin”. **Twitter do Xadrez Verbal**. Publicado no dia 21 de agosto de 2022. Disponível no endereço: <https://twitter.com/XadrezVerbal/status/1561217912358273030> acesso em 29 de julho de 2023.

FIORI, José Luís. Um ano depois: EUA dobram sua aposta, mas Rússia já ganhou o que queria. **Jornal GGN**. Publicado em 24 de fevereiro de 2023. Disponível no endereço: https://jornalgggn.com.br/europa/eua-dobram-sua-aposta-mas-russia-ja-ganhou-o-que-queria-por-jose-luis-fiori/#google_vignette acesso em 24 de fevereiro de 2023.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL, 2022. Disponível no endereço: <https://www.ecodebate.com.br/2022/05/23/as-14-maiores-economia-do-mundo-de-1980-a-2022/> acesso em 29 de julho de 2023.

O GLOBO (2023). Clube em expansão? Banco dos Brics atrai atenção para grupo, que já tem 13 pedidos de adesão: China e Rússia pretendem usar ampliação do bloco para elevar sua força geopolítica, para desespero do Brasil e da Índia, que defendem um congelamento dos membros. Matéria assinada por Aline Ribeiro e Eliane Oliveira. Publicada em 10 de julho de 2023. Disponível no endereço: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/07/10/clube-em-expansao-banco-do-brics-atrai-atencao-para-grupo-que-ja-tem-13-pedidos-de-adesao.ghtml> acesso em 30 de julho de 2023.

GLOBONEWS (2021). **25 anos da cobertura de Globonews**: relembre as coberturas mais marcantes. Matéria por Juliana Maselli, publicada em 2 de junho de 2021. Disponível no endereço: <https://g1.globo.com/globonews/especial-25-anos/noticia/2021/06/02/25-anos-de-globonews-relembre-as-coberturas-mais-marcantes.ghtml> acesso em 30 de julho de 2023.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**: o breve século XX; 1914-91. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 [1994].

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

- HUDSON, Michael. **Ucrânia**: a guerra volta-se contra quem a atçou. Outras Mídias. Publicado em 4 de julho de 2023. Disponível no endereço: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/ucrania-a-guerra-volta-se-contra-quem-a-aticou/> acesso em 30 de julho de 2023.
- IBANEZ, Pablo. Comentário na matéria “**Sanções à Rússia criam clima de desconfiança sobre a hegemonia do dólar**: a desvalorização de curto prazo da moeda americana espelha uma preocupação de longo prazo que ronda as altas esferas das finanças globais”, por Luana Zanobia, publicada em 28 de março de 2022. Disponível no endereço: <https://veja.abril.com.br/economia/sancoes-a-russia-criam-clima-de-desconfianca-sobre-hegemonia-do-dolar> acesso em 30 de julho de 2023.
- KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LÊNIN, Vladimir Ilich. **Imperialismo**: fase superior do capitalismo. 2ª ed. São Paulo: Global, 1982 [1916].
- LOUREIRO, Felipe. Tuíte feito no dia 22 de janeiro de 2022. Disponível no endereço: <https://twitter.com/FelipePLoureiro/status/1484896962214248455> acesso em 25 de julho de 2023.
- LOUREIRO, Felipe Pereira (2022A). **Linha Vermelha**: a Guerra da Ucrânia e as relações internacionais no século XXI. Campinas: Edunicamp, 2022.
- MAURO, Frédéric. **História Econômica Mundial; 1790-1970**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MEDEIROS, Carlos. China: entre os séculos XX e XXI. In: FIORI, José Luiz (org.). **Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 379-411.
- NAGLE, Angela. O consenso de Washington está morrendo: pressionados pelo avanço chinês, EUA e Europa reveem seus dogmas. Estão de volta, em todo o mundo, o estímulo estatal à economia, a industrialização dirigida e o protecionismo. O Brasil atrasa-se, mas terá de acordar para a nova realidade. **Outras Palavras**. Publicado no dia 30 de março de 2023. Disponível no endereço:

<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/o-consenso-de-washington-estamorando/> acesso em 30 de julho de 2023.

NOLTE, Ernest. **La Guerra Civil Europea, 1917-1945**: nacional-socialismo y bolchevismo. México: FCE, 2016 [1987].

OKUNEVA, Liudmila. Os 25 anos da política externa da URSS/Rússia: questões-chave, evolução, perspectivas (1985-2010). In: PECEQUILO, Cristina Soreanu (org.). **A Rússia**: desafios presentes e futuros. Curitiba: Juruá, 2010, p. 23-55.

OSWALD, Vivian. **Com vista para o Kremlin**: a vida na Rússia pós-soviética. São Paulo: Globo, 2011.

PODER360 (2023). Estados Unidos dominam vendas globais de armas: Rússia ocupa o 2º lugar, mas tende a cair; dados são do Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo. Matéria não-assinada publicada em 18 de março de 2023. Disponível no endereço: <https://www.poder360.com.br/internacional/estados-unidos-dominam-vendas-globais-de-armas/> acesso em 30 de julho de 2023.

REIS Filho, Daniel Aarão. Uma Revolução Perdida. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

RUDZIT, Gunther. As relações russo-americanas e a proliferação nuclear. In: PECEQUILO, Cristina Soreanu (org.). **A Rússia**: desafios presentes e futuros. Curitiba: Juruá, 2010, p. 165-177.

SANTOS, Rosiane Martins dos. Comentário em “A semana no mundo - Otan faz aposta no confronto e continuação da guerra contra a Rússia (14.07.23)”. **TV 247**. Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=hcitia37KII> acesso em 29 de julho de 2023.

SANTOS, Rosiane Martins dos. **A geopolítica russa no mundo assimétrico pós-Guerra Fria em relação aos Estados Unidos**. Dissertação de mestrado em Economia Política Internacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

SEGRILLO, Angelo. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: PECEQUILO, Cristina Soreanu (org.). **A Rússia**: desafios presentes e futuros. Curitiba: Juruá, 2010, p. 57-72.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2012.

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

- SILVA, Larissa Caroline Souza da. **A securitização da questão da Crimeia e os interesses russos no pós-soviético**. Dissertação de mestrado em Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Uerj, 2022.
- STONE, Oliver. **JFK: a pergunta que não quer calar**. Longa Metragem. Estados Unidos: 1991. 188 min.
- STONE, Oliver. **Ucrânia em Chamas**. Longa Metragem. Estados Unidos: 2016. 95 min.
- TAVARES, Maria da Conceição. **A retomada da hegemonia norte-americana (1985)**. In: FIORI, José Luís; TAVARES, Maria da Conceição (org.). **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização**. Coleção Zero à Esquerda. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 27-53.
- TAVARES, Maria da Conceição; MELIN, Luiz Eduardo. **Pós-escrito 1997: a reafirmação da hegemonia norte-americana (1997)**. In: FIORI, José Luís; TAVARES, Maria da Conceição (org.). **Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização**. Coleção Zero à Esquerda. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 55-86.
- VALOR Econômico (2023). “Kissinger defende negociações de paz para fim da guerra e apoia entrada da Ucrânia na Otan: Em painel no Fórum Econômico Mundial, ex-secretário de Estado dos EUA afirma que é do interesse do continente evitar a continuidade do conflito e que a Rússia entre em colapso.” Matéria não-assinada de 17 de janeiro de 2023. Disponível no endereço: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/01/17/kissinger-defende-negociacoes-de-paz-para-fim-da-guerra-e-apoia-entrada-da-ucrania-na-otan.ghtml> acesso em 30 de julho de 2023.
- VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **Da Guerra Fria à Crise: relações internacionais do século XX**. 3ª ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 1996 [1990].
- ZHEBIT, Alexander. **A Rússia e seus amigos**. In: PECEQUILO, Cristina Soreanu (org.). **A Rússia: desafios presentes e futuros**. Curitiba: Juruá, 2010, p. 113-134.

Data da submissão: 02/08/2023

Data da avaliação: 28/09/2023

Campos, A guerra da Ucrânia e a transição hegemônica no sistema internacional

DOI 10.51308/continentes.v1i22.457